

CANIBALIZANDO O AUTO DA BARCA DO INFERNO

BARBARA CRUZ NUNES¹; ANA LAURA BIANCHINI²; LEONAN FERNANDES DA COSTA³; NICOLE PIRES GONZALES⁴; MARINA DE OLIVEIRA⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas - cruznunesbarbara@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - ana.laurabianchini18@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - leonanfernandesc@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - nicolegonzales930@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido tem como objetivo apresentar o estudo realizado a partir do projeto "A pesquisa no LADRA - Laboratório de Dramaturgia da Universidade Federal de Pelotas", coordenado pela professora Marina de Oliveira, que faz parte do corpo docente do curso de Teatro - Licenciatura da UFPel. O grupo conta com a participação dos seguintes discentes: Ana Laura Bianchini, Barbara Cruz Nunes, Leonan Fernandes da Costa, Marina de Lima Lopes e Nicole Pires Gonzales, todos graduandos do curso em questão.

A ação "*Canibalizando o Auto da barca do inferno*" é uma pesquisa teórico-prática, na qual estamos desenvolvendo pequenas cenas através de processo colaborativo, com o intuito de produzir um espetáculo teatral. A dramaturgia de Gil Vicente é ponto de partida para a investigação dramática. Trata-se de um auto no qual vários tipos sociais são colocados em xeque no momento do juízo final, onde seus pecados, segundo a visão cristã, são expostos.

Entendendo a improvisação, a antropofagia e o processo colaborativo como bases do trabalho, tem-se como fundamentação teórica os jogos teatrais (SPOLIN, 2008), o *Manifesto antropófago* (ANDRADE, 1996) e a criação via processo colaborativo (FISCHER, 2010).

2. METODOLOGIA

A pesquisa "*Canibalizando o Auto da Barca do Inferno*" acontece a partir de encontros semanais, todas às segundas-feiras das 17h às 19h, no Centro de Artes da UFPel. Os encontros não possuem uma estrutura fixa, cada dia é uma nova experiência, algumas das maneiras que o grupo mais trabalha é através de improvisações que surgem a partir de ideias. Por ser um processo colaborativo, todos do grupo estão em pé de igualdade, sugerindo ideias e contribuindo para todas as cenas como atores e diretores.

Até o presente momento, o grupo realizou a leitura da peça *Auto da barca do inferno*, que foi publicada pela primeira vez em 1517, o que possibilitou discussões a respeito da dualidade entre o céu e o inferno, a partir dos preceitos cristãos. De maneira análoga com a contemporaneidade, os partícipes demonstraram interesse em discutir na encenação questões que surgem a partir dos contextos e vivências dos integrantes, como: quem e o que é bom ou mau para os olhos da sociedade? Ademais, partindo da premissa de devoração de

uma peça canônica, religiosa e antiga para a criação de algo novo, o grupo leu em conjunto o *Manifesto antropófago*, de Oswald de Andrade.

Depois de feitas essas leituras partiu-se para a experimentação prática e para o improviso através das ideias que surgiam dos integrantes. Nesse momento de criação, utilizamos os jogos teatrais como ponto de partida para iniciar uma estrutura de cena. Temáticas como a igreja, o machismo, o racismo, a lgbtfobia, o empreendedorismo, os padrões de beleza e outros aspectos estão surgindo e sendo discutidos durante o processo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente três cenas estão estruturadas e denominadas como *Coro dos atores*, *A narrativa cristã* e *A narrativa do vencedor*. Na primeira, o coro de atores, inspirados em *A exceção e a regra*, de Bertolt Brecht, faz algumas afirmações como “Nada deve ser considerado natural”, “olhem com estranheza”, “não naturalizem o que deve causar espanto”. Na segunda, há uma figura religiosa, uma anja chamada Coralina, a diaba chamada Lilith, e um casal de humanos que faleceu, denominados João e Maria. A cena começa com quatro atores jogando um jogo denominado *nós quatro*, quando a narradora interrompe a brincadeira e os atores vão para as suas marcações.

A narrativa conta que o casal muito jovem é atropelado e vai para um lugar onde há duas barcas, a barca do céu, onde se encontra a anja Coralina, e a barca do inferno, onde se encontra a diaba Lilith. A primeira a despertar neste lugar é Maria, ela encontra com a diaba que a chama para a sua barca, a jovem recusa e tem medo. A diaba revela os pecados da garota, porém Maria não aceita e tenta entrar na barca do céu, a anja então questiona a jovem se ela é do lar, porém por não se encaixar no lugar que a ideologia cristã prega, que é o lugar das mulheres, Maria se revolta e aceita ir para a barca do inferno.

Logo após, é a vez de João despertar, o jovem passa pelo processo semelhante ao de Maria, a diaba revela os seus pecados de acordo com a igreja, mas diferente do procedimento realizado com Maria, enquanto Lilith revela os pecados dele, a anja defende o garoto com argumentos rasos. Por fim a pastora pergunta a João se ele se arrepende e o jovem mente para ir para a barca do céu. Encerram a esquete com a música evangélica *Quem dá com alegria* e o coro se forma para uma nova cena.

A segunda cena está menos estruturada que a primeira por falta de tempo hábil. Até o presente momento trabalhamos mais em cima da primeira esquete, mas esta cena tem como personagens: O Coach de liderança, Alma fracassada 1, Alma fracassada 2, Anjo de vendas e Advogado do diabo.

O coro se forma e a cena *A narrativa do vencedor* começa, com eles falando um grito de guerra para transformar pessoas em verdadeiros líderes de vendas. O Coach faz o papel de narrador nesta esquete e apresenta as duas almas fracassadas, dizendo ao público que é o dia do juízo final para elas. A primeira alma se apresenta e é acusada pelo Anjo de vendas e defendida pelo Advogado do diabo. A alma pode ter salvação apenas se submeter ao método XP, logo após a segunda alma é julgada, os mesmos trâmites são realizados com distinção na acusação que é mais pesada, e a alma dois é submetida ao método XP (corridas, polichinelos e frases motivacionais), mesmo ela dando o seu máximo nunca é o suficiente, é pressionada a dar cada vez mais até que tem um ataque fulminante.

O Coro cerca o cadáver e faz a ação de cheirá-lo, depois começa a comê-lo, como se fossem abutres devorando a carniça. O coach pede um minuto de silêncio em respeito a todas as almas fracassadas do país como se isso resolvesse algo, totalmente insensível ele termina dizendo “antes ela do que eu”. O desfecho mostra a insensibilidade desse universo de vendas, onde o ser humano é visto apenas como uma máquina que tem que vender e mostrar números o tempo todo, de modo que as individualidades não são levadas em conta.

É importante frisar que as narrativas trabalhadas nesta pesquisa produzem violência, tanto a narrativa cristã quanto a do vencedor são muitas das vezes rigorosas com suas regras, sendo pouco flexíveis ou nada flexíveis com as diferenças. Estamos no contraponto não somente criticando, mas também convidando os espectadores a questionar essas narrativas. Seguimos nos encontrando e testando novos improvisos e melhorando os que já temos, para que assim possamos levar a nossa obra para os palcos, contribuindo com a cultura local e disseminando a arte do teatro para outros núcleos fora da Universidade Federal de Pelotas.



Fig. 1 e 2 - fotos tiradas em um dos encontros do grupo.

4. CONCLUSÕES

Em síntese, este resumo expandido evidencia a riqueza de um processo artístico e de análise social com base na colaboração e na experimentação. O projeto, nascido no LADRA - Laboratório de Dramaturgia da UFPEL, demonstra um âmbito do teatro, um meio de explorar tanto o passado quanto o presente. Ao desafiar convenções e canibalizar uma peça canônica, os participantes transcendem fronteiras temporais, expondo os dilemas humanos em novas perspectivas. A fundação teórica no Oswald de Andrade e na Stella Fischer contextualiza a pesquisa em uma tradição artística e intelectual enriquecedora. Ademais, o trabalho conjunto resultou na construção de cenas poderosas, nas quais valores, preconceitos e costumes dialogam com elementos clássicos.

Logo, à medida em que os ensaios continuam e nos encaminhamos para as apresentações, este projeto não apenas promete contribuir para a cultura local, mas também incitar diálogos mais amplos sobre a nossa condição humana no

contexto social. Dessa maneira, o LADRA se torna um mediador não somente de espetáculos teatrais, mas também de reflexões mais profundas sobre a nossa identidade humana, seja individual ou social. Em suma, no futuro, essa experiência poderá desencadear um processo de transformação entre os alunos, inspirando uma nova geração a questionar o mundo ao seu redor com olhos críticos e também curiosos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. **O rei da vela; Manifesto da poesia pau-brasil; Manifesto antropófago**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRECHT, B. **A exceção e a regra**. In: _____. Teatro Completo, em 12 volumes. Volume 1-4. Trad. Geir Campos. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1990.

FISCHER, Stela. **O processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 2010.

ESSLIN, Martin. **Uma anatomia do drama**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SCHABBACH, Virgínia Maria. **A sampler como linha de fuga para uma dramaturgia menor**. 2021. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário Viola Spolin**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VICENTE, Gil. **Auto da barca do inferno; Farsa de Inês Pereira; Auto da Índia**. São Paulo: Ática, 2011.